

Sexualidade gênero, cor/raça e idade em lugares de sociabilidade homoerótica em São Paulo¹

Júlio Assis Simões²
Universidade de São Paulo

Resumo: O trabalho apresenta resultados preliminares de observação etnográfica e entrevistas conduzidas em lugares marcados pela ocorrência de interação e sociabilidade homoerótica envolvendo adultos jovens na cidade de São Paulo. Duas regiões da cidade serão destacadas: a área da Vieira de Carvalho, situada no Centro Histórico, caracterizado por um constante fluxo de pessoas de diferentes localidades da cidade, incluindo jovens mais pobres moradores de periferia; e a Vila Madalena, bairro que nos últimos anos passou a abrigar uma grande concentração de espaços de lazer noturno juvenil, atraindo um público de classe média. Procura-se oferecer uma descrição geral de como se dão as interações nos diferentes lugares, bem como desenvolver uma primeira elaboração sobre o modo como categorias de cor/raça, gênero e idade operam para classificar os frequentadores, ordenar padrões de interação e sociabilidade e indicar preferências de parcerias afetivo-sexuais. A pesquisa faz parte de uma investigação maior, *“Relações entre ‘raça’, gênero e sexualidade em diferentes contextos locais e nacionais”*.

Palavras-chaves: homossexualidade; gênero; cor/raça.

Neste trabalho apresentamos resultados preliminares da pesquisa realizada em áreas que reúnem espaços de lazer públicos e comerciais frequentados por uma gama de jovens de perfil diferenciado, na cidade de São Paulo. Essa pesquisa faz parte de uma investigação maior, *“Relações entre ‘raça’, gênero e sexualidade em diferentes contextos locais e nacionais”*.³ Reunimos aqui apenas uma parte dos dados⁴ referentes à observação etnográfica⁵

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Colaboraram neste trabalho os pesquisadores: Isadora Lins França (Unicamp); Luiz Henrique Passador (Unicamp); Marcio Macedo (USP); Regina Facchini (Unicamp).

³ O projeto Relations among “race”, sexuality and gender in different local and national contexts foi elaborado originalmente por Laura Moutinho, Omar Ribeiro Thomaz, Cathy Cohen, Simone Monteiro, Rafael Diaz and Elaine Salo. A pesquisa está sendo realizada por nove centros de pesquisa: USP (São Paulo), CLAM/IMS/UERJ (Rio de Janeiro), CEBRAP (São Paulo), IOC/FIOCRUZ (Rio de Janeiro), SFSU/CRGS (San Francisco), Center for the Study of Race, Politics and Culture (Chicago), AGI/UCT (Cape Town), WITS e OUT (Johannesburgo). O grupo de pesquisadores compreende Laura Moutinho (Coordenação geral), Simone Monteiro (coordenação Rio de Janeiro), Júlio Simões (coordenação São Paulo), Elaine Salo (coordenação Cidade do Cabo), Brigitte Bagnol (coordenação Johannesburgo), Cathy Cohen (coordenação Chicago) e Jessica Fields (coordenação São Francisco). A pesquisa é financiada pela Fundação Ford e conta com o apoio do CNPq. A equipe de pesquisa em São Paulo contou com a participação de: Isadora Lins França (Unicamp), Luiz Henrique Passador (Unicamp), Marcio José Macedo (USP), Luciane Silva (Unicamp), Nadia Matos de Barros (USP), Alexandre Vega (USP),

e entrevistas conduzidas em espaços marcados pela ocorrência de interação e sociabilidade homoerótica, os quais apresentam graus variados de convivência entre diferentes perfis socioeconômicos e diferentes referências de preferências estéticas, estilo e consumo.

Duas regiões da cidade serão aqui destacadas: a área da Vieira de Carvalho, situada no Centro Histórico, caracterizado por um constante fluxo de pessoas de diferentes localidades da cidade, incluindo jovens mais pobres moradores de periferia; e a Vila Madalena, bairro que nos últimos anos passou a abrigar uma grande concentração de espaços de lazer noturno juvenil, atraindo um público de classe média, mais branco e mais escolarizado em relação ao público do Centro Histórico. Nessas duas regiões, procuramos selecionar espaços que oferecessem um grau de diversidade em relação a marcadores de cor/raça; gênero e idade, de modo a servirem a nossos propósitos de comparação. Neste trabalho, nos restringiremos a considerar os frequentadores de quatro espaços de interação e sociabilidade homoerótica – duas áreas públicas e dois clubes – situados em cada uma dessas regiões.

Procuramos apresentar uma descrição geral de como se dão essas interações nos diferentes espaços, com vistas a desenvolver uma primeira aproximação sobre o modo como categorias de cor/raça, gênero e idade operam para classificar os frequentadores, ordenar padrões de interação e sociabilidade e indicar preferências de parcerias afetivo-sexuais. Nosso objetivo é começar a compreender o lugar que a diferença – instituída pela articulação entre aqueles marcadores – ocupa nas relações que envolvem afeto e desejo. Tentamos discutir de que modo a diferença opera para aproximar ou distanciar as pessoas, constituindo-as ou não em objetos de desejo, e de que modo e sob quais condições a diferença se liga a representações de hierarquia e discriminação. Trata-se, como se vê, de tema bastante amplo, que aqui será apenas mapeado de forma preliminar e parcial.

A caracterização resumida das regiões e dos espaços aparece no quadro a seguir:

Regina Facchini (Unicamp) Gustavo Gomes da Costa Santos (Unicamp), Larissa Zanotto Costardi (USP), Alice Vieira dos Santos (USP) e Francine Maia (USP).

⁴ O universo abarcado neste trabalho diz respeito a apenas uma parte da pesquisa realizada em São Paulo. Cabe ressaltar que, na pesquisa, também foram contemplados espaços de sociabilidade heterossexual. Ao todo, a pesquisa desenvolveu-se nas seguintes áreas: Centro - rua Vieira de Carvalho, rua Dom José de Barros, Galeria do Rock na rua 24 de Maio, boates A Gruta, Cantho, Freedom e Sambarylove; Vila Madalena - Praça Benedito Calixto, boates Bubu Lounge, A Torre, Mood e Blen-Blen; Jardins - Alameda Itu; Rua Augusta e boate Alôca.

⁵ Na pesquisa foram empregados três tipos de técnicas de coleta de dados: observação etnográfica nos locais mencionados na nota anterior, entrevistas em profundidade (no total de 24) e questionários de controle (no total 48). Esses dados ainda estão sendo sistematizados. O texto aqui apresentado baseia-se principalmente nas etnografias.

Configuração geral dos espaços de sociabilidade homoerótica por perfil de público
(sexo, estratificação social, idade)⁶

Região	Local	Sexo⁷	Estratificação social	Idade
Centro Histórico	R. Vieira de Carvalho	Misto, predominando o masculino	Baixa/média baixa	18 a 70 anos
	A Gruta	Feminino	Baixa/média baixa	20 a 40 anos
Vila Madalena	Pça. Benedito Calixto	Misto, predominando o masculino	Média alta	20 a 40 anos
	Bubu Lounge	Misto	Média alta/média baixa	20 a 40 anos

⁶ Esta tabela é um quadro destinado a organizar os dados referentes ao perfil de público dos espaços. Cada categoria utilizada para preencher as lacunas diz respeito à frequência que foi observada como predominante no local. Evidentemente, não se excluem variações a partir do perfil predominante. Os locais em que se observa um pequeno desequilíbrio, ou pequena predominância de um ou outro perfil, foram marcados a partir da expressão “misto, tendendo a...”.

⁷ Tal categoria refere-se estritamente à presença de homens e/ou mulheres nos espaços descritos.

Passamos agora a descrever os territórios e as interações observadas, em cada uma das regiões. As descrições serão desiguais, porque o trabalho de campo rendeu muito mais no Centro do que na Vila Madalena, por razões que ainda precisaríamos entender melhor.

Centro Histórico: a Vieira

A área compreendida pela praça da República, a avenida Vieira de Carvalho e largo do Arouche, no Centro de São Paulo, tem se mantido como porção inexpugnável do circuito⁸ homossexual⁹ paulistano há várias décadas¹⁰. Depois de um período de relativo esvaziamento no final dos anos 1980, essa área central voltou a florescer desde meados da década passada e hoje aparece como um setor “popular” do circuito homossexual paulistano.

A Vieira de Carvalho é uma rua de 200m na forma de um boulevard, como duas pistas, que liga a Praça da República ao Largo do Arouche. Tem vias de acesso privilegiadas, mesmo por transporte público: fica próxima a estações de metrô e a corredores viários que dão acesso a todas as regiões da cidade. É, portanto, uma área de acesso facilitado e barato, inclusive para moradores de bairros e municípios periféricos de diferentes zonas da metrópole. Além disso, está inserida numa região de atividade comercial, financeira e de serviços durante o dia, ainda bastante intensa – em que pese a relativa perda de importância do Centro Histórico em face do

⁸ Utilizamos o termo “circuito” neste texto para referir a um conjunto de estabelecimentos, especialmente casas noturnas e bares, dirigidos a homossexuais ou freqüentados por pessoas que se relacionam afetivo/sexualmente com outras do mesmo sexo. Como esses estabelecimentos não estão isolados e o lugar ocupado por eles está condicionado a como aparecem numa gama mais ampla de opções de lazer noturno, optamos por utilizar a palavra “circuito” com o objetivo de sugerir uma espécie de ligação simbólica entre os diferentes espaços.

⁹ Utilizamos neste trabalho as categorias homossexual e bissexual devido à sua recorrência na bibliografia relacionada a sexualidade, mas é necessário enfatizar que essas categorias indicam de forma genérica toda uma população que não necessariamente se reconhece nelas, apesar de estabelecer relacionamentos afetivo/sexuais com pessoas do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Na Vieira de Carvalho, encontra-se ampla gama de pessoas que se qualificariam como “entendidos”, “entendidas”, “homem que gosta de homem/ mulher que gosta de mulher”, “gay”, “lésbica”, entre outros. Além disso, tais categorias se cruzam com outros pertencimentos que vão além da definição a partir da orientação sexual: é o caso dos “coroas” (homens mais velhos) e dos “ursos” (homens de aparência viril, que cultivam barbas e bigodes e rejeitam uma aparência corporal composta por músculos tidos como excessivamente trabalhados), entre outros. Para fins de descrição geral e de inteligibilidade, no entanto, abordaremos tais diferenciações apenas nos momentos em que se mostrarem relevantes para a análise.

¹⁰ Não há registros de bares ou estabelecimentos comerciais exclusivos para uma clientela homossexual nas metrópoles brasileiras antes dos anos 1960. Isso não quer dizer, porém, que anteriormente a vida homossexual fosse invisível, nem que as pessoas com preferências eróticas homossexuais vivessem necessariamente isoladas. Como mostrou James Green (2000) manifestações públicas da homossexualidade expressavam-se em bailes carnavalescos, celebrações de rua, assim como adaptando o costume do *footing* à paisagem urbana e dividindo os espaços da vida noturna com outros tipos de freqüentadores. No caso da cidade de São Paulo, baseando-se em fontes do Instituto de Criminologia, Green conseguiu localizar, já nas décadas de 1920 e 1930, pontos na região do Vale do Anhangabaú e Praça da República que seriam caracterizados pela presença de prostitutas e de homens em busca de contatos sexuais com outros homens.

deslocamento do centro de negócios para um eixo sudoeste-sul da metrópole, para as regiões da Avenida Paulista, da Avenida Brigadeiro Faria Lima e Avenida Luís Carlos Berrini.¹¹ Por isso, a região oferece também serviços que permitem convivência ou mesmo lazer durante o dia e no final do expediente comercial (bares, cafés, restaurantes, praças). Aos domingos, durante o dia, é freqüentada por aqueles que vão à tradicional feira de artesanato na Praça da República. A Vieira de Carvalho, o Largo do Arouche e algumas vias próximas sediam hotéis que permitem também a estadia e convivência de moradores de outras cidades e países com seus freqüentadores locais.

A Vieira, como é mais popularmente referida, é uma das “artérias” de uma área mais ampla de freqüência popular homossexual ou “GLS”¹² A rua concentra uma variedade de estabelecimentos comerciais destinados ao lazer noturno, os quais ocupam também as transversais e se estendem para o Largo do Arouche, e outras vias do entorno. Essa área maior mescla territórios de prostituição masculina, feminina e de travestis, danceterias direcionadas ao público homossexual, saunas, cinemas de “pegação”¹³, bares e espaços públicos de “caçação”¹⁴, além de boates de prostituição feminina e casas de strip-tease.

A Vieira é, ainda, um ponto privilegiado por projetos de prevenção às DST/Aids, pelo cruzamento entre atividades de prostituição e presença de população homossexual. Além disso, outros aspectos que facilitam o trabalho desses projetos é o fácil acesso pela extensa malha de transportes em que a região se insere e a grande circulação de pessoas na rua, que podem ser acessadas sem muita dificuldade. Há também algumas ONG que se situam no centro da cidade, além do Programa Municipal de DST/Aids, situado a duas quadras da rua. Fica também, nas proximidades, a sede da Associação da Parada do Orgulho GLBT (APOGLBT), entidade que é referência no movimento político GLBT¹⁵ na metrópole.

¹¹ Para uma visão geral desses deslocamentos da centralidade em São Paulo, consultar Frúgoli Jr, 2000.

¹² GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) é termo nativo que denomina um circuito de bares, boates e outros equipamentos e espaços de convivência destinados à população homossexual na cidade. É também comumente associado a um mercado segmentado destinado a esse público. Sua utilização marca a diferença entre as iniciativas relacionadas ao movimento e as relacionadas ao mercado, embora para o público em geral muitas vezes essas diferenciações se confundam, sendo comuns as expressões “Movimento GLS” ou “Mercado GLBT”. Ver Simões e França, 2005; França, 2006.

¹³ Termo nativo, utilizado para definir trocas sexuais.

¹⁴ Termo nativo, indicando intenso flerte e busca por parceiros.

¹⁵ A sigla refere-se a Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, termo consensuado para denominar o movimento no estado de São Paulo. Fora do estado e mesmo entre as ONG que compõem o Fórum Paulista GLBT, é possível encontrar outras denominações, como LGBT, LGBTT e outras variações, além dos que preferem se referir apenas a um movimento pelos direitos sexuais ou pelo respeito à diversidade sexual. O T das siglas também admite múltiplas traduções, para se referir a “travestis” e “transexuais” e à eventual reunião desses nas categorias “transgêneros” ou “trans”.

As quadras da Vieira

Os estabelecimentos comerciais de lazer noturno da Vieira reúnem um público variado e mesclado. Apesar disso, é possível reconhecer certa distribuição territorial dos frequentadores.

Na primeira quadra da rua concentram-se os bares de frequência marcada de homens mais maduros (entre 40-50 anos) e de terceira idade, boa parte deles na faixa dos 60-70 anos de idade, ao redor dos quais orbitam rapazes mais jovens, aparentemente interessados na constituição de parcerias intergeracionais. Nesse conjunto de estabelecimentos, é possível encontrar uma população mais branca do que nos outros setores da rua, embora também haja presença acentuada de pretos e pardos, sobretudo entre os mais jovens. Também se percebe nesse trecho a presença de pessoas de maior poder aquisitivo, o que se revela no padrão de consumo explicitado pelos frequentadores ou mesmo num composto que combina cor/raça, escolaridade, idade, estilo, entre outros marcadores que se articulam no sentido de compor marcadores de classe¹⁶. O estilo entre esse segmento varia entre o mais formal, entre os homens mais velhos, o e o *bear* ou “urso” (de tipo físico mais gordo e peludo, vestindo camiseta, jaqueta, calça jeans, botas de couro ou tênis, cabelo raspado ou bem curto, e majoritariamente usando barba farta).

Na quadra oposta há um café cuja frequência difere dos demais, congregando outros segmentos, compostos na sua maioria de jovens e com maior presença de mulheres. É o único bar da área que cobra entrada. Tem um mezanino em seu interior onde há música ao vivo, com grupos de samba ou intérpretes do repertório de artistas populares junto ao público homossexual. Durante a madrugada, há shows de *drag-queens*. O público varia do popular ao classe média-baixa, e o estilo de seus frequentadores é mais o casual, que eventualmente incorpora ao padrão camiseta-jeans-tênis algumas peças e acessórios como bonés, cintos com rebites, camisetas cavadas e estampadas, entre outros.

No segundo quarteirão, e se espalhando até o fim da rua, há uma sequência de estabelecimentos, atraindo frequentadores que se concentram às portas dos estabelecimentos e encostados nos carros estacionados, formando uma espécie de corredor. Nesse trecho, pode-se observar a presença de vendedores informais de bebidas, lanches e bijuterias. Essa parte da rua caracteriza-se por possibilitar a presença de um público de menor poder aquisitivo, permitindo uma alternativa de lazer que não necessariamente vincula-se ao consumo no interior dos bares. Os frequentadores são mais jovens, mais pardos e pretos, aparentam menor poder aquisitivo e

¹⁶ O mesmo padrão se revela em um bar, localizado na quadra oposta da rua, com grandes janelas de vidro escuro, que impedem aos de fora que vejam seu interior, e que também é conhecido por atrair uma clientela formada por homossexuais mais velhos.

tendem a demonstrar uma apresentação corporal mais “feminina” no caso dos rapazes – no estilo “*baby look*”, de camisetas e calças justas, em tamanho menor e num corte que supostamente “valoriza as formas do corpo”, acompanhado de elementos como ter as “sobrancelhas feitas” – ou mais “masculina” no caso das poucas mulheres em circulação na área, que, em contraste se vestem com roupas de numeração maior, camisas de gola e calças mais largas.

Nesse trajeto também circulam mais travestis e *drag-queens*¹⁷, do que se costuma observar em outras áreas. Também se observa, nesse trecho, a presença de “michês” ou garotos de programa, nas calçadas e na ilha que separa as duas pistas da rua, assim como de outros rapazes de aparência viril¹⁸, às vezes mal vestidos e de atitude agressiva. A fronteira entre os michês e esses outros rapazes, é altamente porosa. De todo modo, a eles é que são atribuídos os atos de violência que ocorrem no local, especialmente furto e roubo acompanhado de agressão física. Como contou um jovem que se identificava como gay e negro:

Esses ocós dizem que são heteros, mas já ficaram com gays que andam ali, eles sempre roubam, independente de idade, independente de cor, independente aonde, eles tão roubando qualquer um, o que ele vê, tá de mochila, vê o celular e olha no bolso, pega, puxa e sai correndo, entendeu? Pra eles, e é a qualquer hora, qualquer momento, não dá nem pra você perceber, está andando do seu lado, que você nem percebe, daí te ataca e sai correndo.

Atravessando a rua Vitória e já adentrando o largo do Arouche, encontram-se duas boates de frequência predominantemente homossexual, Freedom (recentemente fechada pela prefeitura) e Cantho. A primeira caracterizava-se por atrair um público majoritariamente juvenil e de baixo poder aquisitivo, especialmente nas suas matinês de domingos e feriados. Já a Cantho é uma casa destinada a pessoas acima dos 35 anos, com maior poder aquisitivo, e que divide as preferências desse público com uma casa mais antiga, o ABC Bailão, situada a duas quadras dali, e com a primeira quadra da Vieira, que atrai homens mais velhos e os chamados “ursos”. Mais adiante, encontra-se uma fileira de bares chamada informalmente de “Prainha do Arouche”, todos com a mesma característica: abertos, com muitas mesas na calçada, freqüentados por casais e grupos de amigos, principalmente nas noites de sexta e sábado e nas tardes de domingo. Em termos de estilo e apresentação corporal, os freqüentadores da “Prainha” se assemelham mais aos da primeira quadra da Vieira.

¹⁷ O termo nativo refere-se a homens que se travestem com roupas e acessórios femininos com o propósito de compor um visual e performance cujo tom é dado em grande parte pelo efeito cômico que produzem. Muitas delas são responsáveis pela apresentação de esquetes humorísticas no que poderia ser caracterizado como um humor *camp*.

¹⁸ Rapazes de aparência viril, michês ou não, são também chamados de ocós, segundo certo código nativo, que incorpora termos do povo de santo, muito utilizados também pelas travestis,

A Vieira liberal

A diversidade de categorias e a convivência entre elas são características recorrentemente apontadas pelos frequentadores da Vieira. Há considerável tolerância em relação ao público homossexual que a frequenta, apesar das menções a episódios de violência¹⁹. É comum ouvir dos frequentadores uma visão positiva e harmônica da diversidade presente: a Vieira é “legal”, porque “é democrática”, “tem de tudo”, “não tem preconceito”. A Vieira é também vista como um lugar que proporciona “mais liberdade”, o que significa muitas vezes menos pressão e constrangimento para se adequar aos padrões e estilos mais tidos como dominantes na cena gay da cidade, que conformam os corpos desejáveis.

Perguntado sobre o que haveria de bom e especial na Vieira, um jovem que se identificou como gay e negro, morador de um bairro popular da Zona Leste paulistana, disse:

Ah, é um lugar livre, um lugar aberto, um lugar onde você tem liberdade pra qualquer coisa, entendeu? ... Eu acho que é um lugar aberto, se você for conversar com um amigo seu, você pode agir da forma que você quiser, porque você tá num lugar que já todos são conhecidos, que não tem preconceito, você anda de mão dada, você beija na rua, não tem pra se preocupar não, aqui você tá liberal. É um lugar que você se sente até feliz.

Outro jovem, identificado como gay e branco, morador de um bairro de classe média na mesma Zona Leste, justifica sua preferência pela Vieira comprando-a a outros lugares de encontro e diversão gay mais valorizados:

“Eu posso ir numa The Week da vida? Frequentar? The Week é uma boate onde vão pessoas bombadas, que a gente costuma dizer em São Paulo que são as barbies, que seriam homens musculosos, homens esculturais. Eu posso ir?! Posso. Posso achar bonito? Posso. Mas do que adianta estar lá, eu sendo gordinho, um cara que pesa cento e dez quilos, com um metro e setenta e três... tudo bem, branco, careca, dos olhos castanhos claros, mas que não sou malhado, os caras não vão olhar pra mim. ... São pessoas que gostam de pessoas mais novas, que gostam de cabelo arrepiado, que andam de *piercing*, pessoas que estão com tatuagem, pessoas descoladas com a calça mostrando a cueca, ou com a camisinha apertada, magrinho. Eu não gosto dos lugares que me limitem. Então, quais são os lugares que eu frequento? A Vieira! Assim, a Vieira eu acho que é o lugar onde tem tudo ao mesmo tempo”.

¹⁹ Deve-se lembrar, de todo modo, que a região tem sido marcada por alguns episódios violentos de espancamento em situações de cruzamento de determinados grupos, nos quais o fator “orientação sexual” desempenha papel fundamental. Um desses casos, provavelmente o mais conhecido, refere-se ao assassinato por espancamento de um homem que andava de mãos dadas com seu companheiro, na Praça da República, por um grupo de skinheads fascistas. O caso ocorreu em 1999, chamando grande atenção da mídia e levando a julgamento alguns dos agressores. Mais recentemente, no final de 2006, outro rapaz foi espancado por estranhos em circunstâncias semelhantes.

Em todos os trechos da Vieira, a paquera homossexual é franca, tanto entre aqueles que estão parados na calçada, quanto entre esses e os passantes, assim como no interior da maioria dos estabelecimentos. Há muitos casais, especialmente de homens, passeando de mãos dadas e/ou trocando beijos, inclusive formando parcerias diversas, o que caracteriza um ambiente tido como mais aberto às expressões de afeto entre pessoas de mesmo sexo. É recorrente, assim, a representação da área da Vieira como um lugar onde se pode encontrar companhia masculina para sexo homossexual casual com grande facilidade, seja na rua, nos bares ou nas boates.

A diversidade presente abre espaço para parcerias entre diferentes, seja em termos de marcadores de idade, performance de gênero ou cor/raça, mais freqüentemente envolvendo combinações entre eles. Mas esses marcadores em combinação definem as pessoas desejáveis, e também separam e estratificam. Começamos a desvendar, assim, as linhas de hierarquia que se desenham para além das afirmações de que a Vieira é um ponto de encontro “aberto”, “liberal”, “que tem de tudo ao mesmo tempo”.

Estratificações de gênero e cor/raça

Efetivamente, como já ressaltado, graças à grande oferta de transporte, a área da Vieira atrai rapazes de classes populares moradores diferentes pontos da periferia da região metropolitana de São Paulo. A visibilidade desses rapazes da periferia dentre os freqüentadores da Vieira de Carvalho e a percepção que combina a predominância de classes populares com a alta oferta de possibilidades de encontros sexuais parecem se alimentar mutuamente. Na própria cena homossexual paulistana, paira um certo estigma em relação à região da Vieira e sua população, que as associa a um desvalorizado juízo moral, comportamental e estilístico. A área estaria relacionada, nesse imaginário, a noções de promiscuidade, prostituição, “brega”, cafona e “popular”. Isso se expressa nas referências à Vieira como ponto de concentração das “bichas-pão-com-ovo”, termo depreciativo usado entre os próprios homossexuais para designar rapazes mais pobres que moram nos bairros mais distantes e dependem dos horários do transporte público; assim como das “bichas quá-quá”, rapazes de comportamento mais “afeminado” e espalhafatosos.

O fato de muitos jovens freqüentadores da Vieira virem de bairros longínquos, com os atributos depreciativos daí decorrentes, é largamente satirizado nos espetáculos comandados por *drag queens*, nas casas noturnas da região. Nesses espetáculos as *drags* apresentadoras escolhem pessoas dentre a clientela para realizar algum tipo de performance, pela qual recebem prêmios singelos. Ao convidar um rapaz (ou mais raramente uma garota) para subir ao palco, invariavelmente a *drag* pergunta onde a pessoa mora, e exagera a distância do local indicado e o

fato de se situar na periferia: se a pessoa diz que mora em um bairro afastado, a drag pode retrucar, por exemplo, dizendo que a pessoa “*não mora, mas vive em cativo*”. Referências sarcásticas às roupas e à aparência dos entrevistados, sempre para enfatizar sua condição de classe baixa, são também ingredientes habituais desses espetáculos em que as próprias drags se auto-ironizam, já que encarnam os mesmos marcadores de seus convidados. O lado mais ferino, mordaz e malicioso da cena gay se evidencia aí com todas as suas fortes tintas.

Um tipo de comportamento considerado menos discreto e menos sintonizado com certos padrões valorizados de gosto, estilo e apresentação pessoal é, assim, associado a um tipo de práticas e comportamentos sexuais que podem operar como estigmas de pobreza, ausência de refinamento cultural e certa propensão à promiscuidade sexual. As marcas de gênero são as que mais se evidenciam na corporificação desses estigmas. Mesmo na Vieira, nos quarteirões em que rapazes se divertem em “dar pinta”, os tipos que parecem mais masculinos, mais discretos e menos espalhafatosos tendem a ser os mais desejados. É possível assim observar uma contenção dos rapazes de performance mais feminina quando se engajam efetivamente na paquera e no esforço de atrair alguém que lhes tenha despertado interesse ou lhes dirija a atenção.

Marcadores de cor/raça incidem fortemente nos relacionamentos e nas possibilidades de parceria, ainda que de forma mais sutil e menos explícita. Consideremos este trecho do diário de campo de um dos pesquisadores:

Encontrei um conhecido, Paulo, baiano, que está em São Paulo há poucos anos. Classifica-se como “moreno”. Já ouvi pessoas se referirem a ele como “negão”. É um rapaz de 20 anos, robusto e alto, que faz musculação. Embora afirme que não faz programas, disse já aventou tal hipótese. Enquanto conversávamos, vários homens que passaram por nós olharam para Paulo com grande interesse sexual. Inclusive um carro que passou por nós chegou a diminuir a velocidade, quase parando, enquanto o ocupante do banco de passageiro olhava fixamente para Paulo. Ele me contou que esses eventos são comuns quando passa pela área, e que já recebeu várias ofertas para fazer programas, sendo frequentemente tomado como profissional do sexo. Disse achar isso “engraçado” – percebi nele também um certo orgulho por ser objeto de desejo. De qualquer forma, o estilo de vestir-se de Paulo aproxima-se (ou mesmo reproduz) do estilo que os garotos de programa da área costumam adotar: calça jeans justa e customizada, camiseta regata também justa e estampada, tênis e boné (o dele inclusive estava com a aba virada para trás).

No caso do rapaz aqui descrito, a combinação entre o seu estilo de vestimenta, o tipo físico (alto e musculoso), a performance de gênero (bastante masculina) e sua cor escura parecem ser os marcadores que o transformam em objeto de desejo, e o fazem também ser tomado por um garoto de programa. Os rapazes que se encaixam nessa figura do “negão” tendem a ser alvo de grande

interesse erótico. Manifestam-se também as expectativas convencionais relacionadas a tamanho, potência e desempenho sexual atribuídas aos rapazes negros. Voltemos ao diário de campo do pesquisador:

um jovem que se identificou como gay e negro, confirmou que há busca por “negros” [sic] ali, principalmente da parte dos “brancos” [sic] mais velhos. Segundo ele, esse mercado afetivo-sexual definido pela busca por rapazes pretos se dá porque “os negros têm a neca grande” [sic]. “Neca” é um termo corriqueiro na área, que é sinônimo de pênis, e cuja origem é o léxico característico das travestis. Segundo ele, “quem procura os negros, procura por homem de neca grande” [sic].

Acrescenta-se também a convenção de que os negros são mais sensuais por causa de sua maior habilidade para a expressão corporal, notadamente para a dança. Nesse caso, porém, a negritude pode levar a uma performance de gênero e uma expectativa de papel sexual exatamente oposta á do negão, o qual pode ser referido por meio da categoria da “bicha-close”. Pedro²⁰, um jovem freqüentador da Vieira que se identificou como gay e negro, elaborou contrastes entre brancos e negros segundo polarizações corpo/racionalidade, que usou como justificativa de sua própria identificação como negro:

quando você pensa num negro, você pensa em... sabe, pessoas mais relaxadas no sentido de educação, menos pragmáticas, muito mais emocionais, né?! Muito mais passionais, dizem, dizem por aí, né?! Muito mais intensas, os negros são intensos, são o corpo, o físico... Os negros são muito mais corpo do que racionalidade... né?! Enquanto que os brancos... pelo menos é o que a gente aprende, os brancos são muito mais pragmáticos, sistemáticos, pensam mais antes de fazer. Os negros são intensos em tudo, por isso que eles gostam de música, de dança, porque tem a ver com... com o onírico, com o sentir, entendeu? Com... terra! Sei lá. (...) Por isso que eu digo: eu me considero negro! Porque eu tenho todas as características que eu aprendi que negro tem! Eu sou uma pessoa muito pouco pragmática, muito emocional, muito físico, dança pra mim é a melhor coisa, música, então! Quando toca as músicas que eu gosto, música drag, então, eu me acabo! Sou uma bicha hiper close, eu adoro dançar, adoro dublar, adoro fazer caras e bocas, entendeu? Eu tenho... movimento, gestos, formas... eu adoro dar forma pra tudo... físico, eu gosto de movimento, swing! Tudo que todo negro normal, ou comum, ou comumente é! Então, eu me considero negro por isso, e não pela minha aparência.

Para esses rapazes, as convenções de potência, tamanho e sensualidade associadas aos negros não apareciam como aspectos positivos. Marcos, o jovem mencionado no diário de campo, avaliava tais expectativas como um “incômodo” e uma “pressão”. Pedro, o outro rapaz entrevistado, julgava desvantajosas para suas relações afetivas todas as expectativas de virilidade, assim como a “ginga” e a “malandragem” associadas aos negros, por se considerar “afeminado”.

Vale considerar um pouco mais a fala do Pedro pela relativa excepcionalidade que ela representa. Pedro morou em bairros populares da região central, com pai “negro” e mãe “branca

²⁰ Todos os nomes utilizados neste *paper* são pseudônimos que buscam preservar a identidade da pessoa entrevistada.

nordestina”; seus amigos de infância e adolescência eram “brancos, de classe média e média baixa”. Ele é um dos raros entrevistados a explicitar sentimentos de discriminação evocando cor e raça, que, no seu caso, parecem mais dramáticos por causa de sua preferência estética e erótica por rapazes brancos (que ele definia como tipo “siciliano”: pele branca rósea, olhos claros, cabelos lisos, pretos) e por sua própria rejeição por parceiros que classifica como “negros”, como a si mesmo. Suas falas, evocando toda sorte de estereótipos que desqualificam esteticamente os pretos (“tem pele grossa”, “cheira mais”, “é suado”, “tem testão”, “tem cabelo ruim”) descortinam uma hierarquia estética no universo homossexual masculino que envolve atributos de cor/raça e de apresentação pessoal, como signos de classe e prestígio, que usualmente se mantém velada e não se pronuncia com tal eloquência.

Existe um padrão gay que todos os gays amam: é cabelo liso, branquinho, traços finos, europeus. Todos os gays valorizam isso. Então, se você não tem isso, vem a famosa gongação. Gongar é ridicularizar, entendeu? Uma bicha gongada, é uma bicha que não se encaixa nos padrões que os gays acham legal, que não se vestem com roupa na moda ou de marca, entendeu? Que não tem o cabelo hiper produzido, alisado. O que existe é isso no mundo gay (...) Gay adora gongar o outro, adora criticar! Então, gay negro sofre muito! Ai, que cabelo ruim! Ai, esse nariz! Ai isso, ai que aquilo! Nossa, já peguei tanta situação com outras pessoas. Mais pelo cabelo, né?! Porque assim, meu cabelo está cuidadinho agora, mas antes, meu cabelo estava num aspecto mais natural mesmo, sabe? Então, nossa, me gongavam muito! Ai que cabelo... esponjaço, assolan. Sabe a Silvetty Montilla? *[refere-se a uma famosa drag animadora de shows em casas noturnas gays de São Paulo]* É ídolo gay, né?! Todo mundo conhece. Nossa, ela vive falando! Ela é negra, ela é negra... e vive gongando o cabelo dos outros! Vive gongando! Ela é negra: Ela usa peruca, é uma trava, uma travesti: Peruca lisa, sempre, né. De várias cores! Daí ela grita tenho cabelo liliindooo!!! Comprei um vestido na Daslu! Entendeu?

Nesse mercado amoroso, regido por tal hierarquia estética, a posição dos negros seria a mais desvantajosa possível:

Os negros têm preconceitos entre eles, e os brancos têm preconceitos contra eles [os negros]. Quer dizer, fica uma coisa completamente insuportável.

Parcerias intergeracionais

Parcerias intergeracionais que tendem a envolver homens maduros mais brancos e rapazes mais pardos e pretos são observadas no Vieira, em meio a uma variedade de outras possibilidades. O pesquisador que mais explorou essa área – homem gay branco, na faixa dos 40 anos, com barba e apresentação masculina, em estilo informal - vivenciaram situações em que se perceberam alvo de interesse erótico tanto da parte de frequentadores com as mesmas características de cor, idade e performance de gênero, como de rapazes mais jovens, pardos e pretos. Os pesquisadores também ouviram, com frequência, comentários maliciosos de que sua presença lá seria, na verdade, motivada pela busca de relações afetivo-sexuais fortuitas e

facilitadas, disfarçada sob a desculpa de estar fazendo pesquisa de campo. A atribuição de intenções sexuais aos pesquisadores, junto com a expressão de interesses sexuais nos pesquisadores, da parte de jovens freqüentadores da área, sugeriram, por sua vez, algumas pistas sobre como se dão as preferências ideais para o estabelecimento de parcerias afetivo-sexuais intergeracionais, do ponto de vista dos mais jovens.

Um padrão mais valorizado pelos rapazes parece ser o homem mais velho que, mais do que se mostrar generoso ao bancar despesas com bebida e diversão, é aquele que se revela um “bom papo”, é “informado” e conhece “gente interessante”, é atencioso e disposto a conversar de forma mais igualitária. Vejamos o relato abaixo, extraído do diário de campo:

Encostei-me a um dos carros estacionados para observar a área da calçada. Resolvi entrar num dos três bares geminados e, quando estava na soleira da porta, ouvi o seguinte comentário de um rapaz preto encostado na parede, do lado de fora: “Nossa, como você é charmoso!”. Fiquei desconcertado e apenas agradei, de forma amistosa. Peguei uma cerveja em lata no bar e saí, para ficar novamente encostado no carro. Ao sair do bar, o rapaz continuava ali e sorria para mim. Sorri também para ele, e fui até o carro estacionado. Ficamos de frente um para o outro. Foi quando notei que ele estava com mais dois amigos, também pretos, todos aparentando terem a mesma idade. Todos tinham um estilo que remetia à estética do rap e hip-hop. O rapaz que me abordou ficava sorrindo e me paquerando. Achei que deveria aproveitar o contato estabelecido e interagir com ele. Resolvi arriscar e o chamei para se encostar ao carro ao meu lado. Seu nome é Luís e é morador da Zona Leste. Perguntei se ele freqüentava a área assiduamente e a resposta foi negativa. Disse que raramente vai até a Vieira e estava apenas acompanhando os amigos. Identificou-se como VJ e produtor de festas hip-hop na região central Citei alguns DJs que conheço, para saber se participava do mesmo circuito. A partir daí, a conversa tomou um teor diferente, o interesse inicial dele tendo se transformado mais numa identificação, que nos colocou como amigos potenciais. Referiu-se a mim como “gente fina” e como alguém “diferente” dos freqüentadores da área. Pedi que me explicasse o que queria dizer com isso. Respondeu que tenho um jeito de conversar “diferente”, “educado” e “atencioso”, que talvez ele não esperasse encontrar ao iniciar a conversa comigo. E que meu estilo de vestir também era “diferente”, não parecia com o estilo das pessoas da área, mais “elegante” (eu estava vestindo uma camiseta vermelha, com uma jaqueta cinza básica, uma calça jeans desbotada e um tênis preto). Por fim, fez referência ao fato de eu ser mais velho que a média (referindo-se claramente à área do segundo quarteirão) e mais “maduro” (referindo-se mais ao conteúdo da conversa do que à idade, dessa vez). Apparently, o fato de eu ter reiterado meus vínculos com os DJs de um circuito mais “moderno” e de classe média, reforçou sua impressão inicial, desembocando na constatação de minha “diferença” em relação aos demais freqüentadores.

O termo “charmoso” usado para qualificar o pesquisador parece remeter a um conteúdo de diferenciação por classe, idade e cor que se encarnam num estilo e desenharam o pesquisador como um objeto de desejo para ele. Essas observações sugerem que a perspectiva dos mais jovens ao investir numa parceria intergeracional envolvem expectativas que associam desejo a um conjunto de atributos que corporificam estilo, classe e status de pessoas “finas” ou “charmosas”. Nessa imagem de parceria ideal, a obtenção de vantagens materiais imediatas pode sempre estar presente, mas é menos enfatizada do que compensações de outra ordem, como a

possibilidade de ampliar seu leque de informações e relações sociais. Como já ressaltado, “experiência” e “cultura”, no sentido de capacidade de transmissão e/ou ampliação o acesso a conhecimentos, artes, educação e refinamento, são atributos que valorizam e erotizam o mais velho aos olhos do mais jovem.

Por contraste, uma forma de interação menos valorizada alude a uma forma de negociação mais explícita de sexo pago, que também se mistura com uma suposta prepotência do potencial parceiro mais velho, como se vê pode ser nesse outro relato abaixo extraído do diário de campo:

Marcos disse não gostar da forma de abordagem que ele identifica como costumeira dos homens mais velhos: Segundo ele, “as ricas” (referindo-se aos homens homossexuais mais velhos) “pegam” os rapazes nos bares, “pagam alguma coisa” para eles consumirem e depois querem transar “em hotéis ou motéis”. Marcos relacionou essa busca dos mais velhos à presença de “michês” (profissionais do sexo masculinos) na área. Segundo ele, os “meninos” que ficam sozinhos na ilha central que divide as duas pistas da avenida, e também nas calçadas, são em geral “michês” que têm nos mais velhos a maioria de seus clientes.

Isso não quer dizer que “fazer programa” com homens mais velhos seja algo sempre desqualificado, nem que seja visto como uma forma de exploração em que a compensação financeira seja o único móvel e a única vantagem. Citamos a seguir um trecho de uma entrevista que fizemos com um rapaz de 18 anos, autoclassificado como “pardo”, de uma família de classe média baixa migrada de Salvador para São Paulo, em que ele conta como fez um “programa” quando era ainda menor de idade, com um homem mais velho. Esse trecho ajuda a ilustrar a disponibilidade não calculada para “fazer programa”, acima aludida, em que o dinheiro aparece como uma espécie de combustível a mais do desejo:

P: E você já teve algum tipo de relação sexual no sentido de obter vantagem em alguma coisa? Financeira, sei lá, familiar, escolar... Isso já rolou?

R: Cara, já rolou. É meio trash falar, mas eu não tenho problema de falar a verdade... Rolou, tipo eu tava viajando, eu tava numa outra cidadezinha, e eu entrei no banheiro de um shopping, e tinha um cara mais velho lá. O cara era mais velho, mas me atraiu.

P: Mais velho, quanto?

R: O cara devia ter uns cinquenta anos, ele era mais velho mesmo.

P: O triplo da sua idade.

R: Isso. Mais ou menos isso. E o cara chegou: “Ah, e aí? Você é bonito. E aí, você quer ir à minha casa?” E eu falei: “Cara, eu quero, mas me dá cinquenta reais.” Foi uma coisa que, meu, eu não precisava da grana, tinha uma coisa que eu queria ver se o cara ia realmente querer me dar a parada, sei lá, de extravasar, de fazer algo diferente. E rolou. Aí eu falei: ‘Meu, você tem que me dar os cinquenta reais’. E ele deu, aí eu fui.

P: E como você lidou com isso?

R: Cara, não foi ruim não. Eu tive prazer igual o cara, foi bom... Não é uma coisa assim, “vou virar michê”. Não é o que eu quero. Mas não foi ruim, não.

A Gruta

Um cruzamento interessante entre marcadores de cor/raça e performance de gênero pode ser observado numa boate nas adjacências da região da Vieira de Carvalho, a Gruta²¹, que atrai principalmente um público homossexual feminino de classe baixa. A Gruta fica próxima a duas boates voltadas a um público homossexual masculino também de classe popular, assim como a várias casas de prostituição de mulheres e pontos de prostituição de travestis, mulheres e garotos de programa.

A frequência justifica a definição de “90% feminina”, usada no site da casa, embora isso diga respeito apenas ao sexo biológico das pessoas. Apesar de haver grande presença de mulheres e os homens realmente serem muito poucos, há uma clara diferenciação entre as mulheres com uma performance mais “masculina” e as que se apresentam de maneira mais “feminina”. As “masculinas” dividem-se entre, de um lado, um perfil mais tradicional do circuito GLS de São Paulo: as que trajam camisa de botão, calça social ou jeans, sapato, têm cabelos curtos, usam cores sóbrias, mal se movimentam ao dançar. De outro, há as que têm um estilo mais parecido com rapazes da periferia: usam calças jeans largas, tênis de skatista ou de jogador de basquete, camisetas coloridas largas, correntes unindo os bolsos da frente e traseiros da calça, tatuagens, dançam com movimentos muito sinuosos. Elas podem ter ou não o cabelo comprido, mas se tiverem ele invariavelmente estará sob o boné, um item que parece essencial na composição do estilo, que parece uma adaptação do vestuário e do gestual dos rapazes negros associados ao hip-hop, chamados às vezes de “manos”.²²

Vejamos, a propósito, este trecho das notas de campo da pesquisadora, parda, 28 anos:

É engraçado como o estilo dessas meninas difere da “masculinizada clássica”, de camisa, gestos duros, cabelo curto em corte tradicional. Essas meninas têm uma gestualidade um pouco mais agressiva, no sentido de que têm gestos mais largos, não rebolam quando andam, sentam de pernas abertas muitas vezes ou numa postura relaxada. Mas nem por isso são menos ágeis e revelam nessa agilidade uma boa dose de delicadeza, com movimentos largos, mas rápidos e precisos. Talvez seja uma espécie de “ginga” que também consigo visualizar nos “manos” do centro: os garotos que trabalham de ambulante ou os garotos de periferia que circulam pelo centro usando roupas de skate ou de jogador de basquete. E todas com uma agilidade impressionante: dançam de maneira sinuosa, passam rápido por entre o público na pista.

Há quase uma correspondência termo a termo entre o estilo de apresentação, vestimenta, gestual das frequentadoras masculinizadas e femininas da Gruta e o estilo usado respectivamente

²¹ <http://www.grutabar.com.br>

²² Essa categoria é comumente usada para referir-se a rapazes jovens moradores da periferia paulistana, que atualizam o que seria o “malandro”: o andar gíngado, o uso de gírias específicas, a composição de um visual associado ao espaço urbano e “underground” até certo ponto. Esse estilo está muitas vezes associado ao hip hop.

por rapazes e moças nos bailes *black* populares como o do clube Sambarylove, situado no bairro do Bixiga, também na região central ou o Blen-Blen, na Vila Madalena²³. Lá como cá, o masculino se apresenta com calça jeans larga ou bermuda até um pouco abaixo do joelho, tênis, boné ou gorro de lã, camisa pólo ou camiseta largas e, em alguns casos, casacos de nylon; enquanto a feminina se apresenta com tops, regatas ou blusas justas e decotadas, calças justas marcando as curvas, sandálias ou sapatos de salto. A grande maioria das freqüentadoras da Gruta é preta ou parda, há muitas garotas com penteados “afro” e nota-se uma clara preferência desse público por dançar ao som de hip hop ou black music norte-americanos.

Na Gruta, as mulheres estabelecem parcerias orientadas quase exclusivamente segundo a lógica “masculina/ feminina”, com raras variações que admitem “feminina/ feminina”, mas nunca o par “masculina/ masculina, sendo que masculino e feminino corporificam-se segundo os mencionados padrões de vestimenta, gestual e apresentação pessoal. Performances que lidam de forma mais lúdica com as convenções de gênero podem acontecer – como um show de *strip-tease* feito por mulher do *staff* da casa, acentuadamente masculinizada, ou a performance da gerente da casa, ao cantar canções de vocal duplo, modulando e variando a voz entre o registro masculino e feminino. Apesar disso, as possibilidades de interação erótica tendem a ser bem menos flexíveis. Gramáticas corporais ou performances de gênero mais ambíguas, como as que foram associadas às duas pesquisadoras que mais freqüentaram o local, não são valorizadas naquele espaço, e não parecem despertar atração ou interesse erótico.

Vila Madalena

Até o começo dos anos 1980 a Vila Madalena era um tranquilo bairro residencial de classe média baixa situado na Zona Oeste de São Paulo. Em suas ruas de topografia acidentada predominavam casas térreas com grandes quintais, sobrados geminados, poucos prédios de dois ou três andares e o comércio típico de bairro: padarias, botequins, açougues, armazéns. Algumas residências eram ocupadas por repúblicas de estudantes da USP, que se aproveitavam da localização e dos aluguéis mais baixos, em comparação com os bairros vizinhos de Pinheiros e Sumaré. Nos últimos vinte anos, porém, o bairro passou por uma radical mudança. Casas e sobrados deram lugar a um número crescente de altos e sofisticados edifícios residenciais, e o comércio simples deu lugar uma grande concentração de bares, restaurantes, casas noturnas e outros estabelecimentos de lazer igualmente mais sofisticados. Concomitante a essa valorização

²³ Esses espaços também fizeram parte da pesquisa em São Paulo, conforme observado na nota 4, acima.

do bairro, seus próprios limites simbólicos foram expandidos, de modo que áreas vizinhas antes identificadas socialmente como parte do bairro de Pinheiros passaram a ser referidas, hoje em dia, como parte de Vila Madalena.

Esse é o caso da Praça Benedito Calixto, uma área livre alongada que corresponde a um trecho da rua Lisboa, entre as movimentados corredores de ônibus das ruas Cardeal Arcoverde e Teodoro Sampaio. Desde 1987, a Praça Benedito Calixto comporta, aos sábados, uma feira de antiguidades, artesanato e comida que funciona das 09h00 às 18h00 e se tornou um ponto de encontro de moradores da região e de outros provindos de várias outras áreas da cidade.

São Benedito

O público da Feira é bastante diversificado, congregando pessoas mais velhas; jovens de 20 a 35 anos aparentemente de classe média, com um estilo despojado “universitário”; casais heterossexuais de jovens de 20 a 35 anos; alguns casais homossexuais discretos, algumas pessoas andando sozinhas, muitas vezes com cachorros. Em uma das laterais da praça, em frente ao bar São Benedito, forma-se aos sábados, ao longo da tarde, uma concentração de homens gays, que permanece por ali até por volta de 21h00. Eles ficam tanto na calçada dos estabelecimentos comerciais quanto na calçada da praça, formando uma área de circulação cortada pela rua, na qual passam carros. Há poucos deslocamentos fora desse pequeno circuito. Essa é uma área de paquera franca, mas bastante seletiva, além de encontro de amigos. À medida que escurece e a feira é desmontada, as manifestações de afeto entre casais gays tornam-se mais visíveis.

É possível caracterizar o espaço como “pré-balada”: um lugar onde, além de beber algo, encontrar os amigos, e flertar, seja possível combinar onde se pretende ir durante a noite ou se informar a respeito das últimas novidades no circuito GLS noturno. De fato, um dos assuntos recorrentes refere-se ao universo da “balada”, girando em torno das escolhas de lazer nesse sentido e das histórias vividas em casas noturnas e bares. Pelas conversas, assim como pela intensa distribuição de *flyers*, é possível traçar um circuito de frequência das pessoas: as referências e *flyers* giram em torno de parcela do circuito GLS mais amplo, abrangendo aqui um público de classe média ou média alta.

A frequência desse território GLS da Praça Benedito Calixto é predominantemente masculina. A faixa etária predominante é dos 25 aos 35 anos. Predominam os corpos definidos em academias e todos têm um estilo muito parecido de se vestir e se portar, com gestos econômicos, suaves, e conversando animadamente, mas num tom de voz ameno. São em sua maioria homens brancos, de classe média, discretos, viris, que parecem se interessar pelo mesmo

tipo de pessoa. As poucas mulheres que circulam no bar e no seu entorno eram sempre vistas acompanhadas dos amigos gays. Algumas formavam casais e foram reconhecidas como homossexuais pelos pesquisadores, que em alguns casos já as conheciam a partir de redes de amigos. Outras, pelo teor das conversas com amigos, parecem ser heterossexuais apenas acompanhando amigos homossexuais²⁴.

A concentração gay da Praça Benedito Calixto revela-se um contexto muito marcado pela sociabilidade entre um grupo restrito, bastante seletivo em relação aos possíveis alvos de flerte. Marcadores de gênero parecem constituir significativas barreiras. Vejamos, a propósito, as notas de campo da pesquisadora,

[A Praça] parece um campo um tanto impermeável para mim. Não consegui puxar conversa com ninguém, embora tenha tentado por inúmeras vezes. As pessoas pareciam olhar através de mim: considerando-se que é um lugar de flerte freqüentado majoritariamente por homens homossexuais, a minha inadequação me rendia uma quase total invisibilidade. Há poucas mulheres, com quem poderia tentar uma entrada mais fácil. Os homens tendem a ser muito parecidos entre si e conversar apenas nos seus grupinhos: parece que além de como as pessoas se apresentam, com quem se apresentam parece ser um valor também. Há poucas pessoas sozinhas, que poderiam facilitar uma abordagem: é um lugar ao qual se vai com amigos ou se espera encontrar conhecidos. As diferenças de gênero estão bastante marcadas e tenho impressão de que atuam na percepção que os gays têm de mim.”

Entre os homens gays, especialmente, parece haver uma grande preocupação com o código da indumentária, resultando em avaliações do perfil segmentar ao qual as pessoas observadas pertenceriam. A inadequação aos padrões estéticos e de indumentária que elegem leva ao descarte de parceiros potenciais, assim como a determinados marcadores de gênero. Há um padrão observado quanto à maneira de se vestirem: as bermudas devem estar baixas o suficiente para deixar aparente o elástico da cueca, que deve portar uma grife que o grupo reconheça como adequada. As camisetas são preferencialmente monocromáticas, lisas ou com alguma aplicação discreta com referência a elementos reconhecidos como adequados (desenhos, palavras, frases, etc); não devem ser estampadas e as cores devem ser básicas e discretas. O código das roupas e acessórios parece ser, pois, um facilitador ou um impedimento para o desenvolvimento das paqueras.

O clima geral é de flerte, com os olhares sempre atentos e ansiosos a quem passa pela rua ou pára por ali. Mas são olhares que classificam e se afastam rapidamente do alvo, numa forma

²⁴ Outro grupo de mulheres parece acorrer à Benedito conforme a noite chega. Ficam em pequenos grupos (dessa vez sem se fazerem acompanhar de amigos) e conversam animadamente. São meninas em torno dos 25 anos, com roupas “modernas” (abrigo de cores vivas, tênis Adidas ou Puma, cintos de rebite, jeans), e cabelos com corte irregular, na altura do pescoço ou curtos. Poderiam ser mais facilmente caracterizadas como homossexuais, ou pelo menos são muito parecidas com meninas que freqüentam baladas GLS de público “moderno”. Predominantemente brancas, aparentemente de classe média.

de paquera em que a pose distanciada ou indiferente, chamada de “carão”²⁵, costuma ser um ingrediente especial.

Homens pretos e pardos são minoria, embora sejam vistos. Sua incorporação sem maiores tensões aos padrões da sociabilidade parece depender de um elaborado manejo dos atributos corporais e de estilo. Assim, homens pardos e pretos, fortes e altos que estilizam de alguma maneira sua “negritude”, trazendo mais freqüentemente os cabelos raspados ou estilizados em *black power* ou *dreadlocks*, trajando roupas que ressaltam os músculos aparentes, despertam grande atenção e circulam pela praça, em meio a grupos de amigos que são, na grande maioria, brancos. A importância estratégica dessa estilização pode ser avaliada pelo relato de campo a seguir, referente à postura de dois jovens de cor preta no ambiente da praça:

Os pretos eram minoria na praça e dois nos chamaram a atenção, pelo contraste entre eles. Um deles estava num grupo de amigos, era alto, forte, tinha uma tiara na cabeça que arrumava os dreads curtos, trajava camiseta e bermuda, com tênis de marca. Os amigos eram brancos, mas parecidos em termos de estilo de consumo, do tipo de roupa utilizada e de aparência física (altos, fortes). Esse rapaz circulava com desenvoltura, bebendo cerveja, cumprimentando pessoas de outros grupos e sorrindo o tempo todo. Em contraste, o outro rapaz, que também poderia ser caracterizado como preto, parecia muito deslocado no lugar. Aparentava estar com um amigo, mas pouco conversava com ele. Corria os olhos pelas outras pessoas, mas não cumprimentava conhecidos ou circulava pelo ambiente. Em termos de indumentária, diferenciava-se das pessoas que pareciam mais desvoltas: trajava um suéter mais formal, com a gola da camisa social aparente, e calça social. O cabelo não estava estilizado, com dreads ou raspado, mas com um corte curto, bastante convencional, e poderia ser considerado um rapaz franzino: magro e não muito alto. Diferenciava-se fortemente do outro rapaz descrito pois, se o primeiro mostrava-se bastante integrado, este último parecia bem menos à vontade.

Bubu Lounge

A região da Vila Madalena também abriga espaços de lazer noturno caracterizados como GLS e que atraem outros segmentos além dos que aparecem entre os freqüentadores da Praça Benedito Calixto. Um deles é a boate Bubu Lounge, que faz parte de um circuito elitizado no qual podem ser incluídos outros clubes como a já mencionada The Week²⁶, na Lapa. Pela observação do público freqüentador das noites de sábado, é possível afirmar que há uma mistura de estilos. Entre as mulheres há as que usam tênis, camiseta e calças jeans, as que trajam vestidos vaporosos e saltos altos, as que vestem calças jeans, saltos e blusinhas super decotadas, algumas lisas e/ou com brilhos, outras estampadas. Entre as brancas, muito cabelo comprido e liso, brincos grandes. Entre as pretas e pardas, em geral, os cabelos evidenciavam o uso de alguma química: cabelos tingidos em tons mais claros ou vermelhos entre as mais claras, e também

²⁵ Termo nativo, define uma atitude *blasé* em relação a possíveis flertes ou parceiros sexuais, também tida como definindo um “ar de superioridade” por parte daqueles que a possuem.

²⁶: <http://www.theweek.com.br>

cabelos alisados ou com escova. Entre os rapazes, tênis, calças de grife, camisetas justas e curtas, algumas bem coladas ao corpo, outras mais justas, a maioria com estampas ou camisas também curtas e descoladas. Cabelos com cortes moderninhos, levantados com pasta/gel, alguns moicanos.

Foi difícil inferir a orientação sexual das pessoas pela observação da indumentária e performance de gênero, esse aspecto só ficava mais explícito no interior da casa a partir da interação das pessoas visando a paquera. A maioria dos rapazes está na faixa etária dos 20 anos, já entre as mulheres há uma maior variação de idade, a maioria por volta dos 20 anos, mas é possível encontrar algumas com mais de 30 e até 40 anos. Do ponto de vista de cor/raça, há um número considerável de frequentadores pretos e pardos levando-se em conta que se trata de um espaço de classe média e nas imagens observadas no site só são mostrados brancos. O número de mulheres negras e mestiças é superior ao de homens. Também há um número bastante grande de orientais de ambos os sexos. Contudo, a maioria absoluta de frequentadores é composta de brancos. Os seguranças são todos pretos ou pardos. A interação se dá basicamente entre pessoas do mesmo grupo, já o contato entre grupos ocorre a partir de determinadas regras e visa unicamente a paquera.

No fundo da pista, escadas de acesso aos mezaninos. Há três ambientes diferenciados na casa: uma pista de dança de *techno*, uma que toca clássicos gays e um lounge. Na pista de *techno* a música é extremamente alta, fazendo com as pessoas dançam freneticamente. O clima é de “caça” de modo que as pessoas bebem, dançam, paqueram e beijam. Não há “carão”. Na pista de cima há um clima de boate gay, pois se toca clássicos gays dos anos 70 e *drag music*. O público é mais velho e as pessoas dançam alucinadamente, se beijam e se pegam por toda a pista. O lounge é um misto de bar lésbico, com mesinhas e música brasileira, com *lounge* de balada moderna. Há nesse espaço uma concentração de mulheres mais velhas, assim como de negras e mestiças.

Nos corredores do mezanino, grupos de amigos e casais homossexuais e heterossexuais podem ser vistos dançando encostados no parapeito ou se beijando sentados nos sofás. Ao fundo da pista estão os banheiros masculino e feminino, vigiados o tempo todo por seguranças. Em contrapartida, o clima em público é de pegação forte entre os casais com parcerias variadas.

Vejamos as notas de campo das pesquisadoras:

“No mezanino, rapazes cantando garotas, sofás ocupados por casais se pegando. Conseguimos um lugar no parapeito, entre um casal de garotas, uma dançava e a outra a abraçava por trás, e um casal formado por um rapaz mais jovem e uma mulher mais velha, cabelos tingidos e maquiagem forte, numa pegação absolutamente escandalosa: o rapaz com uma das pernas entre as pernas da mulher, ela encostada ao parapeito, se moviam no ritmo frenético da música. As pessoas ao lado, dançavam e continuava suas interações como se nada acontecesse. Saindo do parapeito, dois

rapazes, de corpos grandes e bonitos, bem cuidados e bem vestidos, estavam jogados um ao lado do outro no sofá, olhos fechados, se beijavam meio de longe. Tesão? Exibição? Um rapaz fazia carícias entre as pernas da garota que beijava. O clima de pegação e caça era absolutamente geral. Apesar de toda a pegação, não presenciei nenhuma cena de exposição de partes do corpo nuas. Pensei, meio que ironizando a situação: masturbação sem nem tirar a roupa parece absolutamente seguro! O mezanino era um corredor em que pessoas se pegavam, outras dançavam e se beijavam aos pares e as que estavam sozinhas caçavam.

[No mezanino], uma cena parecia definir bem tudo: no sofá, um casal de meninos se beijava muito, sentados um em cima do outro. Do lado, duas garotas se beijavam, com as mãos entre as pernas e, ao lado delas, um rapaz beijava uma garota gordinha, também com a mão a acariciando entre as pernas. Todos casais aparentemente homogâmicos. Como a casa não tem espaços específicos para “pegação” (dark room, banheiros, cantos escuros), tudo acontece ali mesmo, no meio de todo mundo, e com a maior naturalidade.

Na casa como um todo foi percebido um número pequeno de mulheres masculinizadas. Os casais são formados principalmente por parcerias entre “iguais” sendo que a maior delas era de casais de mulheres femininas. Outro dado é que no ambiente marcado pela maior presença de garotas, os beijos tendem a ser mais contidos, enquanto os outros ambientes comportam uma “pegação” mais explícita. Variadas parcerias eróticas acontecem, numa aparente fluidez de marcadores de gênero ou de orientação sexual, mas elas parecem se dar entre pessoas que compartilham apresentações e preferências estéticas semelhantes, do ponto de vista dos marcadores visíveis de gênero, cor/raça e idade.

Algumas observações conclusivas

A primeira observação a fazer é que nenhum dos espaços de sociabilidade homoerótica aqui focalizados corresponde a um espaço fixo estritamente segregado, seja por orientação sexual, gênero, cor/raça, idade ou qualquer outro marcador. O que caracteriza todos esses espaços são modalidades e graus variados de pluralismo e de convivência com diferenças. As distinções entre os espaços podem ser buscadas justamente nessas modalidades e gradações, que podem ser expressas nas diferentes articulações daqueles marcadores.

Na Vieira e na Praça Benedito Calixto, as observações de campo nos permitiram constatar que se tratam de territórios bastante distintos entre si. Em primeiro lugar, trata-se de dois territórios em áreas de perfis socioeconômicos diversos: enquanto a praça fica num bairro de classe média e média alta, a Vieira de Carvalho é uma rua na região central, que atrai frequentadores de outras regiões da cidade de menor poder aquisitivo. Também os encontros observados ocorrem em situações e com dinâmicas bastante distintas: na Praça, eles são diurnos e

ocorrem nos sábados à tarde e início da noite, durante e logo após uma feira; na Vieira, eles ocorrem no período noturno, em vários dias da semana, e se dão em torno de bares e boates existentes ao longo da rua e suas imediações. Enquanto a Praça é um espaço de encontro anterior às “baladas” de sábado à noite, na rua os encontros ocorrem durante a própria “balada”. Na Praça, gays e lésbicas concentram-se num trecho razoavelmente bem delimitado e num horário mais ou menos restrito. Na Vieira de Carvalho, a ocupação é preponderantemente de população homossexual com alguns heterossexuais dispersos, e estende-se noite adentro. Na área da concentração gay da praça Benedito Calixto, tende a haver maior homogeneidade de cor/raça, gênero, estilo e classe, enquanto na Vieira, observa-se mais diversidade e porosidade entre os segmentos e territórios que podem ser identificados na área.

No que se refere aos encontros afetivo-sexuais observados, a tendência é a de parcerias entre “iguais” predominarem mais na Benedito do que na Vieira – ainda que neste último se perceba também buscas preferenciais por determinados marcadores e suas combinações.

Na Vieira, há uma grande diversidade de marcadores inscritos em áreas frouxamente demarcadas dentro do território. Há ali presença significativa de travestis, transexuais, *drag-queens* e *cross-dressers*, além de garotos de programa, circulando pelos territórios de lazer e paquera. Os marcadores de gênero e orientação sexual são mais diversos assim como há também maior diversidade de cor/raça e classe, permitindo a formação de parcerias heterocrômicas e interclasses. Um aspecto que caracteriza o território, e que não se encontra de forma tão patente nos demais observados por nós, é a grande diversidade de faixas etárias, que vai dos adolescentes à terceira idade, propiciando também encontros afetivo-sexuais intergeracionais. Essa diversidade também se expressa nos estilos: senhores de estilo mais formal, jovens de estilo casual, “quase modernos”²⁷, “ursos”, “manos”, mulheres de bonés e calças largas, etc, formam um mosaico de referências de indumentária e comportamentos, com linguagens, corporalidades e performances diversas.

Na praça Benedito Calixto e, de certa forma, na Bubu Lounge a frequência preponderante é de um segmento de *gays*, lésbicas, bissexuais e “sem rótulos”²⁸ os quais tendem a compartilhar

²⁷ Referimo-nos aqui à categoria descrita por França (2006). Ela usa o termo para caracterizar o estilo de jovens que se apropriam de referências de moda *streetwear* e *clubber*, fazendo combinações que acabam por fugir de um padrão que caracterizam os “modernos” de classe média, em geral pelo uso excessivo de referências diversas e de roupas de grifes populares ou cópias “piratas”, cuja combinação de elementos é “sempre um pouco acima da nota, com acessórios ou roupas ‘fora do lugar’ ou obtidas em lojas de produção altamente massificada (...)”.

²⁸ Esta categoria refere-se a expressão comumente encontrada em campo, especialmente em locais onde há frequência predominante de jovens, que sugere uma recusa à definição mediante a classificação homossexual x heterossexual. Nesses locais, há também uma presença grande da categoria “bissexual”, embora muitos jovens recusem inclusive essa denominação, preferindo se dizer “sem rótulos”.

referenciais comuns de moda, arte e consumo (inclusive de bens culturais e informação) pouco acessíveis a classes de baixo poder aquisitivo, freqüentando também locais de lazer de custo razoavelmente elevado. Essa homogeneidade de consumo e referências, associada à contingência de circulação no lazer, acaba por gerar padrões estilísticos bastante homogêneos, inscritos na indumentária de grifes específicas e composições restritas e bem definidas, nos corpos trabalhados em academias e em linguagens verbais e corporais auto-referentes e facilmente reconhecíveis, tanto quanto nos gêneros musicais consumidos e ouvidos nas casas noturnas pelas quais circulam. Há menos espaço para a diversidade e a tendência à parceria entre “iguais” é maior.

Há de se observar, porém, que, nos lugares acima citados, o diverso sempre é passível de ser incorporado dentro dos limites daquilo que é reconhecido como “de dentro” (ou “*in*”). Assim, rapazes de cor preta ou parda, por exemplo, tendem a incorporar elementos estilísticos que recomponham o universo de referências do segmento, e isso se dá tanto pela reprodução dessas referências, quanto pela lógica de uma “etnicização” *fashion* – em que elementos esteticamente valorizados associados à negritude compõem o estilo de forma explícita. Da mesma maneira, freqüentadores que não têm uma origem familiar de classe média/alta e/ou que vêm de regiões periféricas da cidade manipulam aspectos relacionados a classe de modo a incorporar um determinado estilo *underground* e capital cultural valorizado ou hábitos de consumo marcado por bens distintivos (aparelhos de telefone celular caros e roupas da moda, por exemplo). Tais atitudes revelam um manejo das diferenças em que os freqüentadores tendem a evidenciar aspectos de apresentação corporal/estilo que os tornem reconhecidos como “de dentro”, ou que possam minimizar o impacto de pertencimentos menos valorizados nesses locais. Dessa forma, é possível observarmos parcerias entre “diferentes” em termos de cor/raça e classe mas que, do ponto de vista do estilo, tendem a ser vistas como parcerias entre “iguais”.

No mercado de desejos e afetos homoeróticos da Vieira e das duas boates destacadas na região, foram observadas situações em que a diferença pode operar como valor positivo na constituição dos objetos de desejo e na definição de certos roteiros de parceria entre mais velhos e mais novos, mais brancos e mais escuros, mais masculinos e mais femininos. É especialmente interessante notar, no caso da Gruta, como marcadores de cor/raça segundo o estilo hip-hop podem corporificar um estilo de masculinidade num ambiente de sociabilidade afetiva sexual homoerótica entre mulheres orientada por uma gramática de gênero que prescreve como

normativas interações entre personificações de gêneros distintos ou “alter-generificadas”²⁹. Na praça Benedito Calixto, em contraste, o que parece haver é uma quase-obliteração de diferenças, segundo o parâmetro englobador do “estilo” valorizado, que recontextualiza as atribuições de gênero, orientação sexual e cor/raça.

Se os marcadores aqui abordados podem atuar de forma articulada, gerando um efeito possível apenas mediante a combinação desses elementos, como no caso da cor/raça e gênero na composição de um estilo de masculinidade entre as frequentadoras da Gruta, vale a pena chamar a atenção especificamente para a relação entre convenções de gênero e sexualidade nos espaços observados. Destacamos, assim, as diferentes maneiras como atributos relacionados a gênero são manipulados na Vieira e Gruta e na Benedito Calixto e Bubu Lounge. Como já mencionado, na Vieira e na Gruta a diferença no que concerne aos aspectos relacionados a gênero funcionam como um poderoso atrativo na definição de sujeitos desejáveis. Assim, é muito comum uma dinâmica de flerte em que mulheres de gramática e apresentação corporal masculina buscam mulheres de gramática e apresentação corporal feminina, e vice-versa. O mesmo acontece com os homens na Vieira, especialmente nas áreas não tomadas pelos “ursos” ou homens mais velhos. Muitas vezes a parceria entre “iguais”, do ponto de vista das performances de gênero é tida até como inaceitável: na Gruta, pesquisadoras presenciaram uma situação em que a existência de um casal de mulheres, ambas de aspecto masculino, causaram chacota e estranhamento entre outras mulheres presentes na casa. Na Benedito Calixto, o mais comum e até desejável é que as parcerias homossexuais se dêem entre “iguais” no que concerne a aspectos relacionado à masculinidade/feminilidade dos parceiros. Na Bubu, embora no espaço destinado às mulheres se verifique a existência de parcerias entre “masculinas” e “femininas”, os frequentadores da casa, em geral, tendem ao estabelecimento de parcerias entre “iguais”.

Os marcadores de cor/raça operam de forma mais sutil do que os de gênero, mas não são menos importantes na estruturação das dinâmicas de sociabilidade e paquera. Variações gays da figura do “negão” despertam grande interesse erótico. Mas o manejo das apresentações corporais associadas à negritude de modo a aproximá-las a padrões valorizados de moda – e que envolvem principalmente estilizações de cabelo e roupa – são especialmente estratégicos para rapazes e mulheres pardos e pretos terem sucesso nos mercados de sexo e afeto homoeróticos, seja na

²⁹ Tomamos emprestada a distinção sugerida por Leandro Oliveira, entre relações iso-generificadas, em que o gênero dos atores envolvidos na relação é percebido como “o mesmo”, e alter-generificadas”, em que o gênero dos envolvidos percebido como “oposto” um ao outro. Cf. Leandro Oliveira, *Gestos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, IMS. UERJ, 2006.

Vieira ou na Vila Madalena. Parcerias “inter-raciais” ou “heterocrômicas” são relativamente costumeiras, mais na Vieira do que na Vila, mas elas convivem com uma tendência a favor dos mais brancos como objeto privilegiado de desejo, tanto da parte dos brancos como dos pardos e pretos.

No que se refere às relações intergeracionais, nossos dados convidam a ressaltar a importância de levar a sério os pontos de vista dos agentes diferencialmente situados no complexo universo das transações sexuais e considerar de forma mais crítica a noção de vulnerabilidade. Da parte dos mais jovens, as relações com mais velhos, que se revestem de um caráter transacional³⁰, podem ser vivenciadas como parte de um jogo erótico em que as compensações materiais tornam-se um estímulo e um índice de sua valorização como pessoa desejável. O aspecto da desigualdade está presente, na medida em que a justificativa mais freqüente para o envolvimento nessas relações é a falta de dinheiro para satisfazer certas necessidades de consumo – roupas, drogas ilícitas, viagens para cidades maiores para poder freqüentar locais de diversão mais valorizados – e também como meio de alcançar independência e libertação em relação à família e ao ambiente de sociabilidade estreita e controlada que caracteriza seus locais de moradia. Além da motivação financeira, porém, o desejo pelos homens mais velhos também se faz presente³¹, seja na forma de uma estilização valorizada de masculinidade, seja em combinação com atributos de “experiência” e “cultura”, que proporcionam a acesso a um universo valorizado de conhecimentos, arte, espetáculos, educação e refinamento.

³⁰ A noção de “sexo transacional” foi elaborada para denotar trocas e relações sexuais-econômicas hetero e homossexuais, de garotas e rapazes mais jovens e mais pobres com mulheres e homens mais velhos e mais ricos, nas quais uma variedade de presentes e compensações é oferecida em troca de sexo (Kempadoo, 2004; Hunter, 2002). As relações de sexo transacional se distinguem por não se darem nos termos de uma negociação monetária explícita, sendo referidas pelos parceiros mais como “namoro” do que como “programa”, mas seguem pensadas como parte de um gradiente de relacionamentos mercantilizados, visto que dependentes de trocas que supõem a desigualdade social entre os parceiros. Essa noção de sexo transacional contribui, de todo modo, para realçar as dificuldades de se estabelecer uma nítida diferenciação entre relacionamentos baseados no vínculo afetivo e baseados em dependência econômica, não apenas no que diz respeito às modalidades de “sexo comercial”, mas também às modalidades de parcerias afetivas estáveis, como o casamento. A sexualidade pode ser concebida e vivenciada como veículo de prazer para si e para outros, tanto quanto como recurso para a obtenção de segurança social e econômica, e não é simples determinar se e como essas dimensões poderiam ser mantidas claramente separadas entre si, seja na prostituição, seja no matrimônio, ou nas formas, supostamente intermediárias, de sexo transacional (Kempadoo, 2004; Brennan, 2004).

³¹ Do ponto de vista do cruzamento entre erotismo e vantagens materiais, essas experiências não parecem tão distantes da que foi descrita por Guy Hocquenghen, famoso ativista do movimento homossexual francês, ao contar em uma entrevista à imprensa, no começo do anos 1970, que aos quinze anos de idade estabeleceu uma relação com “um homem muito mais velho”: “Senti prazer quando ele me iniciou, e ao mesmo tempo um grande orgulho. (...) Ele começou a me mostrar o mundo, a me levar ao teatro. Conheci outros homens que me desejavam e com os quais muitas vezes dormi”. Cf. Guy Hocquenghen. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense 1980, p.24:

Se hoje é verdade que se valoriza, na cena homossexual de maior visibilidade, nas grandes metrópoles do Sudeste, principalmente, um padrão de relacionamentos tido como “moderno”, em que os parceiros não aparentam se aproximar necessariamente mais de um pólo “feminino” ou “masculino” de maneira oposta entre si, ainda persiste em muitos lugares o modelo “bicha-bofe” descrito há mais de 30 anos por Peter Fry, revelando estilizações corporais e códigos eróticos que remetem a convenções “alter-generificadas”, num jogo compreendido como de complementaridade entre os dois pólos do par.

A famosa conceituação de Fry sobre os dois grandes modelos de construção da homossexualidade masculina – o “hierárquico”, em que as identidades sócio-sexuais seriam englobadas pela hierarquia de gênero, e o “igualitário”, em que as identidades sócio-sexuais seriam referidas segundo a orientação sexual – tornou-se um marco no desenvolvimento dos estudos socioantropológicos da homossexualidade no Brasil. Ela prestou-se a várias reelaborações, algumas das quais receberam muito mais reconhecimento acadêmico do que o original.³² Na formulação de Fry, os sistemas classificatórios estariam diferencialmente disseminados segundo as distintas classes sociais e regiões. Mas ele observava que as classificações conforme o modelo hierárquico, embora “hegemônicas” nas classes populares e no interior do país, de certa maneira apareciam “em toda sociedade brasileira, coexistindo e às vezes competindo com outros sistemas”³³. Mais do que o reconhecimento de várias compreensões da sexualidade masculina, que variariam conforme regiões, classes sociais e situações históricas, o que Fry divisava era a força da linguagem do sexo para expressar concepções de hierarquia e igualdade que remetiam a um contexto mais amplo de disputas políticas.

Uma preocupação especial na perspectiva de Fry e de todo um conjunto de pesquisadores por ele influenciados, era com o modo muito particular pelo qual as diferenças de classe podiam passar a ser formuladas em termos da adesão mais ou menos completa a um modelo hierárquico ou a um modelo igualitário de compreensão da homossexualidade. Ou seja, o que estava em jogo era a relação “hierárquica” que se estabelecia entre os próprios modelos, convertidos em signos de distinção de classe. Tal “hierarquia” mantinha não apenas intocado o estigma e a reprovação social de que já eram objeto privilegiado homens “afeminados” e travestis, mas o aprofundava, marcando todos eles com a pecha de “atrasados”, politicamente incorretos, retrógrados etc. Havia naquele momento, pois, uma grande inquietação quanto à possibilidade de essencialização da

³² Para desenvolvimento mais amplo desse tema ver Sergio Carrara e Júlio Assis Simões, “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. *Cadernos pagu*, 28, 2007.

³³ Peter Fry, *Para inglês ver*, Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 91.

oposição hetero/homossexualidade e da conseqüente instituição de novas formas de rotulação, estigmatização e marginalização.

Passadas três décadas, podemos notar que, embora o sistema classificatório baseado no binarismo da orientação sexual tenha se desenvolvido e disseminado no Brasil, a legitimidade das novas categorias a que ele deu lugar não se tornou inteiramente avassaladora. Com efeito, os sistemas classificatórios relativos à homossexualidade entre nós parecem mostrar-se ainda mais complexos e entrecortados por marcadores que, se reiteram diferenças e desigualdades, não o fazem seguindo um sentido unívoco e coeso de hierarquia. Por conta disso, temos sido levados a pensar que o que talvez venha realmente marcando a singularidade brasileira (ou de toda cultura?) seja menos a ênfase em outros binarismos hierárquicos e mais a recusa em operar com dualismos e identidades essencializadas, incomensuráveis e intransitivas³⁴, embora tais binarismos e dualismos não deixem de ter sua incidência. Mas uma pergunta que não gostaríamos de deixar calar é: não será essa a singularidade de toda cultura? Será que “nós” não somos menos barrocos e “eles” menos cartesianos do que nós e eles imaginamos?

Referências Bibliográficas

- BRENNAN, Denise. *What's love got to do with it? Transnational desires and sex tourism in the Dominican Republic*. Durham: Duke University Press, 2004.
- CARRARA, Sergio e SIMÕES, Júlio Assis. “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. *Cadernos pagu*, 28, 2007.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2008. Tese de Doutorado.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. São Paulo: FFLCH/USP, 2006. Dissertação de Mestrado.
- FRY, Peter. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil.”. In: *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FRÚGOLI JR., Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. 1ª. ed. São Paulo: Cortez/Edusp/Fapesp, 2000.
- GREEN, James. *Além do carnaval*. São Paulo: Unesp, 2000.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HOCQUENGHEN, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- HUNTER, Mark. “The materiality of everyday sex: thinking beyond ‘prostitution’”. *African Studies*, 61, 2002.
- KEMPADOO, Kamala. *Sexing the Caribbean, gender, race and sexual labor*, Nova York: Routledge, 2004.

³⁴ Cf. Carrara e Simões, op. cit.

- MOUTINHO, Laura. *Razão, “cor” e desejo: uma análise dos relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004.
- OLIVEIRA, Leandro. Gestos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares.. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2006. Dissertação de Mestrado.
- PASSADOR, L. H. ; BARROS, Nádia de Matos ; THOMAZ, Omar Ribeiro ; GARCIA, Sandra M . Territórios e estilos: articulações entre gênero, raça/cor, classe e orientação sexual na cidade de São Paulo. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Anais, 2006.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. “Do gueto ao mercado”. In: GREEN, James et al., *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005.